

# Memória de migrantes nortistas e pandemia: tempos distintos, acontecimentos presentes

*Ícaro Vasques Inchauspe\**  
*Marilda Aparecida de Menezes\*\**

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Que diabos é isso?! É a pergunta que todos nós ainda nos fazemos em relação à pandemia do coronavírus, assim como o faz Edite Maria de Jesus, 90 anos, nascida em Serra Talhada. Ela e seu marido, José Cordeiro, de Buíque, 86 anos. Ambos do estado de Pernambuco, fazem parte do movimento migratório interno, ocorrido no Brasil entre os anos 1950 e 1980. Neste período de 30 anos, uma vasta literatura produzida sobre o tema nos permite contextualizar historicamente a ocorrência de um grande deslocamento de pessoas das mais diversas áreas rurais da região Nordeste para os centros urbanos das cidades, com destaque para a região Sudeste, e, no caso da presente pesquisa, mais precisamente para o estado de São Paulo (MENEZES, 2020,1985; FUSCO e OJIMA, 2014; BRITO, 2009; BAENINGER, 2005; FERRARI, 2005; SOUZA, 1980; SINGER, 1973; DURHAM, 1973).

Entre os inúmeros motivos apontados como fatores de migração interna, no século passado, os mais conhecidos estão a busca de melhores oportunidades de vida e trabalho, em virtude da concentração de terra, as precárias condições de trabalho e vida, e os períodos contínuos de seca que provocam, em certos momentos, epidemias, fome e sede.

O importante fluxo migratório entre a região Nordeste e São Paulo teve como contexto o desenvolvimento econômico paulista da época, graças ao papel de destaque que o avanço de sua industrialização teve no cenário nacional; a isto se combinaram fatores políticos e econômicos relacionados aos períodos das grandes secas em algumas regiões do Nordeste. A seca é constituinte do ecossistema do

---

\*Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC. E-mail: icaro.vasques@ufabc.edu.br

\*\* Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC; Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp. E-mail: marilda.menezes@ufabc.edu.br

semiárido e acompanha a vida das famílias que vivem na região. As narrativas sobre os períodos de seca emergem com frequência nas memórias dos migrantes da região Nordeste como justificativa para o deslocamento.

Assim conta Edite Maria<sup>2</sup>, que trabalhou até os vinte e cinco anos nas terras da sua família, explicando que a seca foi um dos motivos que a levaram a migrar para São Paulo. Edite Maria e José Cordeiro se casaram em 1957, e a cerimônia foi celebrada na igreja de Serra Talhada<sup>3</sup>. Naquela época, a partir de uma rede mínima de acolhimento, por meio de seu irmão João Sérgio de Jesus, o casal migrou para Marília, interior de São Paulo.

Edite Maria morava com sua mãe e seu pai em Serra Talhada-PE, nas terras de seu finado avô, que, segundo ela, era muito rico naquela época. Comentava que “lá era cada um com seu “pedaço”. Seu pai era ourives<sup>4</sup>. Edite recorda, em uma de nossas conversas, com um semblante não muito feliz, que, esporadicamente, também comercializava artigos produzidos por seu pai nas feiras da região e dizia que era boa de venda.

Foi num desses encontros, no itinerário entre o Agreste e o Sertão pernambucano, que José e Edite se conheceram. À diferença de Edite, José não possuía terras; sua cidade, Buíque, localiza-se numa região montanhosa, rochosa e desértica, com alto índice de aridez. Não encontrando muitas oportunidades e condições de vida e trabalho, José passou a percorrer outras cidades de Pernambuco. Esteve nas frentes de trabalho<sup>5</sup>. Edite Maria comenta que suas terras eram próximas às margens do rio Pajeú<sup>6</sup>. Um “rio branquinho, transparente, cheio de peixe” de onde se alimentavam diariamente a partir da pesca.

**Figura 1:** Mapa geográfico do Estado de Pernambuco.



Fonte: SIGAS, PE. 2021

Mas o que a história de migrantes do século passado pode ter a ver com a pandemia do coronavírus em pleno século XXI? Pensando neste breve relato e na forma em que ocorre a migração, podemos compreender como essas situações acabaram por se tornar um fato extraordinário, do ponto de vista da experiência pessoal e coletiva, considerando-se, principalmente, a questão crucial da luta pela sobrevivência.

Declarada oficialmente no Brasil, em 2020, já com mais de 661 mil mortos (DATASUL, 2022), a pandemia da Covid-19 também pode ser considerada um fato extraordinário na vida desses mesmo migrantes – ainda mais se considerarmos a sua idade, ambos próximos dos 90 anos, e pertencentes ao grupo de risco. Embora tivessem passado por algumas epidemias no passado, a do coronavírus, pelo fato de serem idosos, lhes impôs muitos desafios ao longo destes dois anos.

Assim, traçamos um argumento que evidencia esses processos como constituintes e formadores da vida do casal; o primeiro, por meio da migração interna dentre os mais de 4 milhões de migrantes nordestinos ao menos para a cidade de São Paulo<sup>7</sup>; o segundo, por meio de uma pandemia promovida pela Covid-19 que assola, até o presente momento, milhões de pessoas no mundo.

Em um artigo sobre as pandemias e epidemias em perspectiva histórica, Hochman e Birn (2021) procuram interpretar essas situações como eventos desorganizadores e trágicos, que permitem desvelar e compreender as múltiplas faces de sociedades, em geral profundamente hierárquicas, injustas e desiguais. Elas possibilitam a análise das contingências, da pluralidade de possibilidades e dos interesses, da diversidade de escolhas possíveis dos indivíduos históricos, e das transformações e dúvidas permanentes da própria vida social.

Com o objetivo de articular os dois acontecimentos extremos na vida do casal, o presente artigo está comprometido em descrever como essa memória migrante vem sendo constituída durante pelo menos 60 anos vividos em São Paulo e como ela é mobilizada diante da pandemia de Covid-19. Neste trabalho, também é possível constatar como as memórias são mobilizadas a partir de momentos de solidão, quando o casal relembra seu casamento e a chegada a São Paulo, as sociabilidades criadas, bem como as lembranças familiares em seus espaços privados, casa e sítio, onde residem atualmente.

Nesse sentido, propomos analisar como os relatos sobre eventos, pessoas e situações são construídos, durante a pandemia, por meio da memória oral. Será possível também evidenciar os desafios e aberturas metodológicos que essa situação impõe.

Assim, nossa proposta é compreender como um fenômeno biológico e sanitário, que assume dimensões econômicas, sociais e culturais, assim como políticas, acabou atravessando a vida e o trabalho das pessoas, ao colocar grande parte da população em risco e, ao mesmo tempo, à prova de novas situações jamais vivenciadas.

A partir da extensa trajetória de vida de dona Edite e senhor José Cordeiro, e de todos os percalços enfrentados, , enquanto população migrante *nortista*<sup>8</sup> do

século passado, identificamos, ao longo do trabalho de campo, em conversações semanais com o casal, numa situação de pandemia, como suas memórias sobre perdas, lembranças e sociabilidades foram ativadas pelo período sanitário, mobilizando intensamente o processo de compreender como a memória é um fator importante para ressignificar e reposicionar a visão de e sobre o mundo desses migrantes diante de seu tempo.

A escolha desse casal, como protagonistas da pesquisa, se deu em razão da proximidade que um de nós (autores) – no caso, Ícaro Vasques Inchauspe – tem com uma neta, e que faz parte dessa rede familiar há, pelo menos, oito anos.. O texto apresentado faz parte da pesquisa de doutorado, iniciada em 2021, e desenhada desde 2019 com pré-observações do trabalho de campo. Ao longo desse tempo, com o olhar já treinado para observação, e participando ativamente das relações familiares, pudemos entender que havia toda uma dinâmica peculiar, vivida pelo casal, e que aparecia nas diversas conversas sobre a estrutura e criação da família e, principalmente, sobre as histórias de vida de ambos, casados há 65 anos. Dentre os eventos trazidos à tona pela memória do casal, surge uma produção de itinerários que remontam desde o seu deslocamento de Pernambuco para o interior e a capital de São Paulo até as sociabilidades produzidas no estado de São Paulo.

Dentre as histórias contadas durante a pandemia, foi possível resgatar fatos semelhantes, ocorridos em outros tempos, como o caso da epidemia de meningite nos anos 1970, que narramos no subcapítulo abaixo. Segundo narra dona Edite, o sr. José foi contagiado naquela ocasião e todo um episódio de terror se instaurou.

Como metodologia utilizamos a etnografia, por meio da observação participante do cotidiano no espaço de moradia do casal, sítio no município de Ibiúna, São Paulo, nos encontros presenciais e conversações digitais (*on* e *offline*). A etnografia foi associada ao campo da memória e história oral como instrumento de registro de textos e interpretação que busca identificar as construções sociais e simbólicas que dão sentido às suas práticas. Cabe destacar o papel de um dos autores<sup>9</sup>, enquanto membro da família, cônjuge da neta do casal.

Entre os recursos metodológicos, a autoetnografia também foi utilizada no desenvolvimento da pesquisa a partir do seu poder reflexivo no trabalho de campo. Gama (2020, p.190) aponta, nesse sentido, para a importância do fato de que “o pesquisador reflete sobre a trajetória de uma outra pessoa para analisar fenômenos socioculturais, ou a partir dela, para analisar questões da sociedade/cultura à qual pertence”. No caso em questão, um dos autores está efetivamente inserido num contexto de análise que envolve a trajetória de memórias do casal diante de um recorte de pandemia e sociabilidade.

Além disso, a autoetnografia assume um papel crítico diante do modelo proposto. Santos (2017, p. 219), ao discorrer sobre o panorama dos atuais usos da autoetnografia, destaca a “avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria experiência diante da pesquisa principalmente pelo fator intersubjetivo

com os sujeitos de pesquisa e na forma em que as experiências são os dados principais da investigação”.

Através da inserção no campo e das pessoas entrevistadas, obtivemos os dados e informações. Os nomes dos entrevistados são originais, respeitando na íntegra as informações, além de comum acordo e consentimento de forma oral de dona Edite Maria e do senhor José Cordeiro.

Para o presente artigo, o início da pesquisa se deu a partir de março de 2020 até o início de 2022, considerando ainda que a pandemia prossegue, mas agora de modo controlado devido ao desenvolvimento e aplicação de vacinas contra a Covid-19. Nesse período, foram realizadas diversas entrevistas informais, semiestruturadas, gravações audiovisuais, além do recurso a registros fotográficos, durante o período da pandemia, e de encontros presenciais. A ideia foi pensar nesses registros como ferramenta ativadora da memória daquele momento com a tentativa de trabalhar uma memória multimídia digital.

## 2 PANDEMIA, DISTANCIAMENTO SOCIAL E MEMÓRIA

Como já é conhecido e reconhecido, a pandemia da Covid-19 levou a óbito milhares de brasileiros. Óbito milhares de brasileiros. Isto se deu principalmente por conta da desastrosa gestão federal frente à pandemia, e de sua postura negacionista de não reconhecer as informações científicas já existentes a respeito do vírus e não acatar orientações dos organismos internacionais, como a OMS (organização Mundial da Saúde). O número poderia ter sido reduzido caso medidas mais restritivas fossem levadas com maior responsabilidade e atenção.

É a partir desse acontecimento extremo que, em março de 2020, foi oficialmente decretada a pandemia da Covid-19 no Brasil, principalmente no estado de São Paulo, obrigando toda a população a adotar o chamado distanciamento social, por meio do Decreto nº 64.881, de março de 2020. Em resumo, é um protocolo de isolamento que impede a circulação de pessoas, atividades comerciais ou cargas. Neste caso, foi utilizado para proteger as pessoas, com o objetivo de evitar o colapso do sistema de saúde local a partir do risco de contaminação e propagação rápida do vírus da Covid-19.

Conforme dados informados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em abril de 2020, tínhamos 3,9 bilhões de pessoas em *lockdown*, mais da metade da população mundial. Desse total, na América Latina eram aproximadamente 200 milhões de pessoas. Devido à recusa da gestão federal em organizar as ações do *lockdown*, e à divergência entre os demais gestores públicos sobre o papel de governadores e prefeitos, não há dados precisos sobre a quantidade de pessoas que, no Brasil, praticaram o isolamento social.

Fato é que, diante de todo o cenário imposto pela pandemia, o distanciamento social promoveu diversos desdobramentos no cotidiano das famílias e de indivíduos, principalmente nas camadas geralmente mais isoladas

e limitadas pelo avanço da idade, e, no caso da pesquisa, pela questão da mobilidade, especialmente o casal idoso com quem dialogamos. O isolamento acabou desenvolvendo problemas sociais e psicológicos, promovendo momentos intensos de solidão, levando a stress e a quadros de depressão.

No caso em questão, o casal de migrantes nortistas Edite Maria e José Cordeiro, em grande parte de sua vida, sempre conviveu com parentes, amigos, vizinhos, justamente pelo fato de sua rede de migração ser extensa. Assim como foram acolhidos pelo irmão de Edite Maria, em sua chegada a São Paulo, no início dos anos 1960, também acolheram em suas casas muitas pessoas que chegavam do Nordeste, sendo que o fluxo de acolhimento variava de meses até anos de moradia conjunta. Ao longo dos fluxos de deslocamento e acolhida entre parentes, amigos e desconhecidos, a noção de família foi sendo ampliada para além da consanguinidade. A criação de laços de amizade e vínculos afetivos externos foi constituidora da rede de acolhimento.

Portanto, foi estabelecida uma rede de migrantes nortistas que fizeram e fazem parte de toda a trajetória do casal. Entre as diversas redes, temos as sociabilidades, entendidas como atividades associativas de lazer, de ajuda e de cooperação entre si. Entre alguns exemplos que marcaram essa constituição, podemos citar desde a construção de moradias no bairro Grajaú, na periferia do extremo sul da cidade de São Paulo até a utilização do quarteirão de rua onde, residiam, como espaços de sociabilidade, de comemoração, onde ocorriam as festas de casamentos dos filhos do casal e que envolviam a vizinhança.

Nos encontros privados, promovidos nos períodos da tarde na casa de Edite Maria de Jesus, em algumas oportunidades, eram realizadas, pelas vizinhas, trocas de alimentos, roupas e utensílios domésticos pelas vizinhas, como forma de arrecadar recursos e prover uma certa independência financeira mínima para as mulheres que cuidavam da parte doméstica. A partir dessa mesma rede de vizinhas, acabou se criando uma rede de ajuda mútua de apoio e cuidados no pós-parto, cunhado, cognominado de “dieta” por Dona Edite. Como parteira, ela acabava mobilizando as mulheres para os cuidados pós-partos. Essa rede de dietas era um grupo específico de mulheres responsáveis pelo auxílio e cuidados diários das puérperas, desde a dieta alimentar da mãe e demais cuidados rotineiros com a casa, como a limpeza, bem como o cuidado com os recém-nascidos. Ela conta que essa prática era realizada no Norte (Serra Talhada), e em Marília (São Paulo). Os cuidados diários da casa com as mulheres, como alimentação, ficavam sob responsabilidade de dona Edite. Quando havia esses eventos, dona Edite realizava deslocamentos diários nas casas de suas vizinhas para se dedicar a esses cuidados tão essenciais no pós-parto.

Essas informações são memórias mobilizadas em outros momentos anteriores à pandemia, mas reforçadas ao longo do seu curso, em virtude de recordações que voltam a todo o tempo, quando dona Edite rememora sua trajetória. E eventos como estes são marcantes para ela por estarem relacionados à saúde e à vida.

Outro evento que dona Edite Maria rememora é o do “barrão” (principalmente com as suas filhas Maria do Socorro e Neide), devido aos morros altos e ondulares de terra na formação geográfica do bairro. Ela conta que, em dias de chuvas, formava o “barrão”, principalmente quando suas filhas Maria do Socorro, “Corrinha”, e Neide voltavam da escola com a roupa toda suja por conta do barro formado pelas chuvas. A nossa entrevistada complementa: “Era um córrego de barro. A Neide só tinha um uniforme escolar, então, tinha que lavá-lo todo dia depois que ela chegava da escola”. Num desses encontros mencionados acima, houve uma reclamação geral das mães sobre os uniformes brancos voltarem marrons. Dona Edite Maria conta que, se as mães fossem com ela na escola das filhas, ela falaria com a diretora para retirada do uniforme branco. Após o questionamento comandado por ela, a diretora acatou a solicitação e retirou o uniforme branco.

Este evento rememorado por dona Edite Maria sobre o “barrão” é mobilizado em suas memórias justamente por afirmar que também foi um evento de sofrimento, e que, de algum modo, pode ser interpretado como uma situação de risco familiar, que, ao longo do tempo, foi sendo superado; principalmente se levarmos em conta os seus relatos sobre a existência de um rio (que hoje foi canalizado e tornou-se córrego) próximo às casas, e que, em épocas de chuva intensa na periferia, “acabava levando tudo das pessoas”. Em uma dessas lembranças sobre as dificuldades vividas, conta que viu um homem morrendo dentro de um carro por causa das enchentes no bairro.

Vemos, a partir dos relatos de eventos no cotidiano de Edite Maria, que ela foi se tornando referência como liderança feminina na construção do bairro. Sem contar que era ela quem ficava responsável pelas finanças domésticas. Seu José Cordeiro lhe entregava o salário integral do mês para que realizasse essa gestão.

**Figura 2:** José Cordeiro e seu filho Jurandir na construção da casa da família em 1982.



Fonte: Acervo do autor, 2021.

**Figura 3:** Filho do casal no bairro Parque América - Grajaú. Dezembro de 1981.



Fonte: Acervo do autor, 2021

Já por parte de José Cordeiro, ele trabalhou durante trinta anos na Metalúrgica Brassinter, fundada em 1954, na região de Santo Amaro. Iniciou como auxiliar de limpeza e se aposentou como químico industrial. Dois anos após sua aposentadoria, em meados de 2004, com o FGTS, ele e a dona Edite Maria resolveram comprar um sítio em Ibiúna, interior de São Paulo, onde vivem até os dias de hoje. Foi uma escolha de José Cordeiro para que pudesse viver sua aposentadoria com a criação de uma pequena horta com aproximadamente 3 hectares, como antigamente fazia no Norte. Assim como construiu sua casa em São Paulo, a casa do sítio foi demolida e ele construiu uma casa maior, com dormitórios para os filhos, bem como com espaço para alojar membros das redes de parentesco e amizades construídas em suas teias de sociabilidade em São Paulo.

O processo de autoconstrução coletiva, de forma geral, e sobretudo nas periferias, foi um conhecimento já estabelecido em virtude de seus lugares de origem nas construções de suas próprias moradias, e foi sendo cultivado extensivamente nas periferias de São Paulo.

Como anfitriões da família e de amigos em São Paulo, a ideia foi continuar a sê-lo também em Ibiúna, mantendo e fortalecendo as redes sociais constituídas ao longo da trajetória de vida. Vários são os eventos e acontecimentos que marcam a construção social e cultural das redes como as fogueiras de São João, os churrascos com carne de bode, as ‘milharadas’ plantadas por José Cordeiro com a produção de pamonhas, curau, até aniversários de netos e de visitantes. Edite Maria conta que um primo da família, Cícero, certa vez, chegou no sítio com um ônibus de excursão somente com pernambucanos residentes em São Paulo.

De forma geral, ao passo que buscamos trazer alguns exemplos que sintetizam as passagens de dona Edite e do sr. José Cordeiro, realizadas enquanto casal de migrantes, desde a sua chegada no bairro/distrito Grajaú durante o



período de residência na região, e, após a aposentadoria, no sítio em Ibiúna, estamos delineando a trajetória de vida que constitui a construção identitária da dona Edite Maria, a do senhor José Cordeiro e os processos de construção da memória. É importante sinalizar que a organização dessas memórias, durante as conversas com o casal, foi quase sempre direcionada por dona Edite, pelo fato de ser mais comunicativa e falante. Ao passo que essa construção narrada foi se desenhando em nossas conversas, em alguns momentos, o marido, José Cordeiro, também intervinha, o que gerava uma breve discussão sobre os acontecimentos vividos pelo casal.

Quando se fala em memória seletiva, entendemos que seu conceito e prática não podem ser tratados de forma fixa, mas, sim, a partir de mudanças. Porém, também não podemos sair fabricando novos conceitos sem discutir os já estabelecidos. O conceito de memória social para Halbwachs (1990) é, sobretudo, a coesão social. Essa coesão é pelo autor a partir da relação dos quadros sociais da memória como um sistema de valores que unifica determinadas redes, famílias, garantindo uma coesão de valores e costumes praticados no cotidiano dentro de um tempo e espaço.

Assim, Halbwachs (1990) define a construção de memória por meio da mobilização de quadros sociais considerados muito mais que referências para as lembranças. São, sobretudo, constituintes para a vida em sociedade e/ou para determinadas representações coletivas. Em outros termos, poderíamos dizer que não nos lembramos sozinhos. Há sempre um contexto, história, acontecimento, fato ou evento que mobilizam experiências e intermedeiam o ato de recordar. Já a memória seletiva, ou memória individual, é parte fundante que complementa os quadros sociais ou memórias coletivas, compreendendo que cada indivíduo e posição que ocupa é particular a partir de determinada condição social. Seria, então, a memória individual um caminho complementar para as “correntes de memória coletiva” (HALBWACHS, 1990).

Cabecinhas, Lima e Chaves (2006), ao tratarem do campo teórico da construção social sobre a memória, que depende das pertencas de e das redes sociais dos indivíduos, propõem a seguinte definição:

Vários fatores contribuem para o carácter social da memória: o processo de recordar é social, visto que é necessário que haja dicas de contexto que evoquem as recordações; os pontos de referência que cada indivíduo utiliza para codificar, armazenar e recuperar informação são definidos socialmente; e a memória individual não poderia funcionar sem conceitos, ideias, imagens e representações que são socialmente construídos e partilhados. Ou seja, a memória de cada indivíduo é social no seu conteúdo (factos, personagens, etc.) e no seu processo (codificação, armazenamento e recuperação) (CABECINHAS, LIMA e CHAVES, 2006. p. 4).

Diante desta construção social sobre a memória, a partir das representações sociais entre fatos e personagens, a linguagem surge como preponderante, por meio da palavra. Halbwachs (1994) aponta para o que chama de quadros coletivos da memória, sendo esta uma ferramenta coletiva para recompor uma imagem do passado a partir de determinado contexto imperativo diante do tempo social vivido.

Na construção da memória, durante o isolamento social imposto pela pandemia, em diversas conversas nossas, tanto virtualmente quanto em seu sítio em Ibiúna, dona Edite rememora com muita sabedoria um evento acontecido com seu esposo, José Cordeiro, em comparação ao surto de meningite<sup>10</sup> na década de 1970, em São Paulo<sup>11</sup>. Alguns jornais da época relatam como sendo uma epidemia.

O Zezinho teve essa doença [meningite]. Ficou hospitalizado quase um mês. Eu achei que ele ia morrer. Todo o dia eu ia ver o Zezinho. Deixava minhas duas filhas com o meu filho Jurandir. Aí teve um dia, que eu fui ver ele, e ele não estava no quarto. Achei que ele tinha morrido. Porque a quantidade de pessoas hospitalizadas era muita. Os corredores cheinhos. E aquele tanto de gente que morreu também. Eu fui procurar o Zezinho em todos os quartos daquele hospital. Até que uma hora, uma enfermeira boazinha me disse que o paciente daquele quarto tinha sido trocado. Aí ela me disse o número do quarto, e graças a Deus, estava lá o Zezinho. Depois de mais umas semanas ele foi para a casa e tudo certo (Edite Maria de Jesus, 12 de setembro de 2021).

José Cordeiro, ao falar do evento, lembra somente que sentiu uma dor de cabeça muito forte e desmaiou, ficou alguns dias em coma e, quando acordou, Edite Maria já estava no hospital. Cida e Jacó, outro casal de amigos acolhido por Edite Maria e José Cordeiro, também foram vítimas de meningite na época. Edite Maria também comentou sobre a perda de duas filhas suas no Norte antes de se deslocar para São Paulo. Uma recém-nascida e outra com quatro anos. Em muitos momentos, a relação da memória e o sentimento de perda eram reativados a partir de dois contextos trágicos. Assim, a pandemia reclama uma condição de atenção e cuidado essencial, ao trabalhar a memória das perdas.

A narrativa de Edite Maria sobre o evento da meningite, quase sempre repetidamente, aparecia em nossas conversas presenciais mensais, iniciadas em 2020, para a pesquisa do doutorado de um dos autores (Ícaro Vasques Inchauspe) e com a pandemia de Covid-19 já em curso. Cabe observar que, em momentos anteriores, já havíamos conversado sobre isso, porém não com tanta profundidade e fato não era do conhecimento de muitas pessoas. De 2020 até o momento, as nossas conversas foram intercaladas, por meio do formato híbrido, entre encontros presenciais e chamadas virtuais, por meio de *Whatsapp*.

Os relatos sobre eventos do passado começaram a ser cada vez mais recorrentes à medida em que o casal foi sendo obrigado a permanecer isolado durante a pandemia do coronavírus. O isolamento provocou a retomada dessas memórias a partir da cisão brusca das sociabilidades; algo jamais vivido em, pelo menos, dezessete anos da vida social do casal em seu sítio em Ibiúna.

Era visível o semblante de desgosto do casal pela suspensão temporária de suas relações e, especialmente, a partir do recebimento de ligações e notícias sobre as de pessoas próximas que fizeram parte da rede social de migrantes, a qual dona Edite Maria e o sr. José Cordeiro pertencem há pelo menos 60 anos. O semblante de desgosto do casal pela perda temporária de suas relações com seus familiares e amigos era visível. Desde ligações telefônicas, como chamadas por vídeos, principalmente com Edite Maria, a expressão de dor e sofrimento, tanto facial quanto vocal, era nítida a cada encontro. Por vezes, a conversa tornava-se muito mais um momento de conforto para ambos do que um trabalho de pesquisa. Posteriormente, as nossas conversas digitais acabavam ficando sem anotações, o que também, em alguns momentos, acabava ativando a memória do pesquisador.

Entre todas essas ativações da memória, que emergiam de dona Edite Maria e do sr. José Cordeiro, vinham as lembranças da reforma da casa, todo o 'sufoco' com a construção. Em outros momentos presenciais, havia a recordação no álbum de fotos de dona Edite Maria, de seus irmãos, casamentos de filhos, de sua mãe, de sua terra, além de demais pessoas que, em diversos momentos, atravessaram a memória tanto de dona Edite Maria quanto do sr. José Cordeiro, à medida que iam recebendo notícias sobre os óbitos e internações causados pela Covid-19.

Entre as perdas e internações foram primos de primeiro a terceiro grau, acolhidos de longa data, sobrinhos, ex-sogra e amigos de fábrica de José Cordeiro. Devido à idade avançada e à dificuldade de locomoção de dona Edite Maria, tampouco puderam ir ao enterro de nenhuma dessas pessoas. Muitas vezes, a filha mais nova, Neide, era a representante da família em virtude da aproximação dos laços da rede familiar e por residir, até os dias de hoje, na casa construída por José Cordeiro, próxima à moradia de parentes, amigos, e outras pessoas envolvidas nas redes sociais da família.

Para o histórico do casal migrante, que sente prazer em estar com diversos grupos de suas redes sociais, o distanciamento social obrigatório pode ser caracterizado como um prejuízo sociocultural para as suas sociabilidades e, conseqüentemente, para o seu estado emocional. Tempos de distanciamento sem receber seus filhos e parentes, sem realizar suas datas comemorativas nortistas, como a festa de São João com a grande fogueira no mês de junho para os netos e, atualmente, também os bisnetos.

Veremos, a seguir, maiores detalhes sobre os relatos e os desafios da pesquisa para a construção da memória num cenário de pandemia. Cabe mencionar que um dos pesquisadores, cônjuge da neta do casal e membro da família, tomando

os protocolos e cuidados devidos, acabou indo visitar dona Maria Edite e o sr. José Cordeiro, periodicamente, desde 2020, início da pandemia. Ficamos em *lockdown* durante quatro meses. Entre maio e junho de 2021, o pesquisador ficou por um mês inteiro, no sítio do casal, ajudando nas tarefas domésticas.

À medida que o distanciamento social se tornava obrigatório, a família também cuidava de proteger o casal, evitando aglomerações em sua casa. Os filhos organizaram entre si um rodízio de visitas para estarem mais próximos de dona Edite Maria e do sr. José Cordeiro, bem como ajudá-los nas tarefas domésticas, compra de remédios e cuidados de saúde.

**Figura 4:** Edite Maria e sua filha, Neide. Junho de 2021.



Fonte: Acervo do autor, 2021

Porém, à medida que se agravou a pandemia, ficamos (pesquisador e esposa) quase três meses isolados, sem realizar nenhuma visita ao casal. Nesses momentos, as ferramentas tecnológicas acessíveis, como ligações por vídeo, acabaram tornando-se o meio condutor para promover a continuidade das conversas durante a pesquisa. Durante a pandemia de Covid-19, o recurso ao uso de redes sociotécnicas e aparelhos digitais (MUZI, 2020) tornou-se recorrente e obrigatório como método de interação em pesquisas voltadas para as ciências humanas e sociais (ECKERT, ROCHA, 2008).

O telefone celular se tornou um meio de comunicação para afastar os momentos de solidão e foi de extrema importância para continuar com a pesquisa, principalmente nas conversas com dona Edite Maria, com quem um dos pesquisadores (seu genro) teve mais contato através de ligações por vídeo. Outro desafio interessante, diante do único recurso disponível no momento, foi

o de como ajudar uma senhora de 90 anos que nunca havia utilizado o telefone celular. Foram momentos de extrema paciência e, sobretudo, de desafio na relação intergeracional entre os sujeitos da pesquisa, já idosos, e o jovem pesquisador.

À medida que a pandemia tinha seus picos de altos e baixos, uma estratégia muito recorrente para diminuir a saudade do restante da família era a realização de chamadas por vídeo com a presença de uma das filhas do casal. Assim, era possível entrar em contato com demais filhos e filhas, amigos e parentes de longa data. E isto considerando que o sistema de comunicação do casal ainda era analógico ou apenas por áudio, sem imagens. Podemos interpretar este sistema como um modo tradicional do estilo de vida praticamente em toda a existência do casal.

Com o seu ciclo vacinal completo, a diminuição de infectados e de óbitos, além da liberação das atividades comerciais e profissionais de diversos segmentos, aos poucos, os eventos do cotidiano foram retomando, de alguma forma, o seu caminho. O casal recomeça a receber visitas e promover suas atividades junto à sua extensa rede social de amigos nortistas. Já foi possível perceber e presenciar diversas visitas de parentes e amigos que não os viam há mais de três anos. A retomada dos novos estreitamentos sociais já é visível e possível.

O impacto causado pela pandemia da Covid-19, nesses novos reencontros, tem sido por vezes duro e cruel, considerando que parentes e amigos próximos da rede do casal acabaram perdendo a vida – como os seus vizinhos do sítio ao lado – ou ainda ficaram com sequelas da doença, prejudicando a memória, como foi o caso da ex-sogra do casal, Lili. Assim, aos poucos, cautelosamente, os encontros também estão servindo para reorganizar o cotidiano de dona Edite Maria e do sr. José Cordeiro de forma a retomarem suas sociabilidades entre os familiares e, conseqüentemente, criar novos arranjos e sentidos que constroem os valores do casal com as demais gerações de sua rede que já conta com bisnetos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto procurou estabelecer ao menos dois caminhos de análise: o primeiro, analisar como a pandemia do coronavírus, apesar do isolamento social, tornou-se na vida social de dona Edite Maria e do sr. José Cordeiro uma experiência constituidora de sentidos e representações sociais em suas trajetórias de vida. Tal experiência reativou momentos, histórias, redes de sociabilidade, evidenciando o quanto o cotidiano de suas relações é importante para a produção de sentidos enquanto sujeitos pertencentes a uma determinada dinâmica social, com rede social duradoura e de lealdades formadas há mais de 60 anos, enquanto migrantes nortistas.

Já o segundo caminho, por meio da descrição da metodologia aplicada em relação ao distanciamento social, evidenciou as dificuldades nas ciências humanas e sociais ao propor novas entradas, e o quanto ainda falta promover

a interdisciplinaridade com as disciplinas da tecnologia da informação. Com a digitalização das dinâmicas sociais, inserida na era da informação, é urgente e necessária uma integração entre as disciplinas.

A partir das experiências vividas na pandemia entre migrantes nortistas idosos em São Paulo, podemos entender como os deslocamentos promovidos pela migração nortista também ocorreram como um evento que revelam as desigualdades sociais, as contingências, as pluralidades e transformações da vida, seja individual ou coletiva, contando com as incertezas e imprevistos no meio de seus caminhos em tempos distintos diante de acontecimentos presentes.

O trabalho da construção social da memória acabou se tornando indispensável no contexto apresentado, tendo em vista que não é um aspecto produzido de forma fixa, mas, sim, constituído ao longo do curso de uma vida. Partindo de um contexto pandêmico, as memórias de Edite Maria e José Cordeiro foram novamente mobilizadas e reativadas, promovendo uma reconstrução social de ser e estar no mundo, não somente do vivido, mas também de qual escolha e sobre o que vale ou não ser recordado, dizendo respeito ao futuro como um caminho aberto em construção.

## NOTAS

<sup>1</sup> O trabalho da pesquisa foi realizado por um dos autores, Ícaro Vasques Inchauspe, como parte do doutorado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC. A elaboração do texto foi uma produção conjunta com sua orientadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC, Marilda Aparecida de Menezes.

<sup>2</sup> Em 1932, ano de nascimento de Dona Edite Maria de Jesus, outra estiagem iria devastar o semiárido nordestino. Foi nessa época que se tornou conhecida a indústria da seca: as oligarquias econômicas e políticas da região que usavam recursos do governo em benefício próprio, com o pretexto de combater as mazelas do fenômeno climático. Outras secas atingiriam o Nordeste nas décadas seguintes. A mais abrangente delas teve início em 1979 e durou quase cinco anos. Fome e saques se espalharam pela região. Estima-se que não houve colheita em nenhuma lavoura dentro de uma área de 1,5 milhões de km<sup>2</sup>. Dados oficiais dão conta de que, nessa época, morreram 3,5 milhões de pessoas por conta de enfermidades e desnutrição. Mais informações ver Barreto (2009).

<sup>3</sup> Edite explica que essa questão documental não tinha toda essa importância na época. O casamento no cartório ocorreu em 1961, recém migrados para Marília, interior de São Paulo.

<sup>4</sup> Trata-se de um metalúrgico especializado em produzir ou consertar artigos em ouro, prata e outros metais preciosos.

<sup>5</sup> Consistia em empregos temporários para auxiliar a sobrevivência. Anos antes de migrar para São Paulo, assim como muitos, fez parte da força de trabalho para construção de estradas ferroviárias e terrestres promovidos pela criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) criada em 1959. Entre as controvérsias produzidas pela narrativa da

seca no Nordeste, cita-se uma passagem: Como causa imediata da criação do órgão, pode-se citar uma nova seca, a de 1958, que aumentou o desemprego rural e o êxodo da população. Igualmente relevante foi uma série de denúncias que revelaram os escândalos da “indústria das secas”: corrupção na administração da ajuda dada pelo governo federal através das frentes de trabalho, existência de trabalhadores fantasmas, construção de açudes nas fazendas dos “coronéis” etc. Ou seja, denunciava-se que o latifúndio e seus coronéis – a oligarquia agrária nordestina – tinham capturado o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), criado em 1945, da mesma forma como anteriormente tinham dominado a Inspetoria de Obras Contra as Secas, de 1909.

<sup>6</sup> Pajeú é um termo Tupi-Guarani e tem o significado de rio curandeiro. O Rio Pajeú aparece na música “Riacho do Navio” de Luiz Gonzaga e foi percebido no dia a dia do casal em seu sítio em Ibiúna no interior de São Paulo.

<sup>7</sup> Segundo estudo de FUSCO e DUARTE (2021) em 2000 a Região Metropolitana de São Paulo contava aproximadamente 18 milhões de habitantes, e os nordestinos participavam de forma expressiva na população: 3,6 milhões, ou 21% dos residentes na Região Metropolitana de São Paulo eram nascidos num dos estados nordestinos.

<sup>8</sup> Podemos explicar a utilização do termo *nortista* de duas formas: a primeira por ser uma expressão habitual identificada entre as conversas do casal, as sociabilidades com sua família, e os diversos membros do grupo pesquisado sempre que referido ao nordeste. A segunda possibilidade que possa explicar o termo utilizado é justamente que em 1941, o IBGE elaborou uma proposta de regionalização baseada nas características fisiográficas do território nacional e respeitando as fronteiras administrativas estaduais. Na primeira regionalização, foram propostas cinco divisões, as regiões Norte, Nordeste, Sul, Leste e Centro-Oeste. Já em 1969, há revisão desta proposta, resultando na atual regionalização do Brasil (atualizada posteriormente devido a criação de novos estados). Esta nova regionalização levou em consideração, além das características fisiográficas e as fronteiras administrativas estaduais, características demográficas e socioeconômicas, oriundas do próprio levantamento estatístico do IBGE. Com base nestas divisões, os governos na época criaram as superintendências de desenvolvimento regional (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene; Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – Sudam; Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste – Sudeco; e Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul – Sudeul). Para mais informações ver IBGE (2014); Boscarol (2017) e Contel (2014).

<sup>9</sup> O autor Ícaro Vasques Inchauste é casado com Bruna Cordeiros Lira, neta do casal.

<sup>10</sup> A partir do relato Edite Maria, pode-se propor uma análise interessante sobre como a epidemia de Meningite também foi tratada pelo governo militar como uma matéria de desinformação (fake news) publicada pela mídia assim como o Coronavírus. Matérias sobre o tema podem ser vistas nas publicações da Veja e Jornal do Brasil, entre 1970 em 1974. Links: <A epidemia de meningite dos anos 1970 – e como a ditadura militar a escondeu | Super (abril.com.br)>. e <Brasil, 1974: uma epidemia de norte a sul | Biblioteca Nacional (bn.gov.br)>.

<sup>11</sup> Segundo matéria publicada pelo Jornal Veja de 1974, o maior surto de meningite da história do Brasil foi nos anos 1970. Datando os primeiros casos em Santo Amaro, bairro da zona de São Paulo, bairro onde José Cordeiro trabalhava. E com o tempo outros infectados surgiram em bairros mais afastados até que a doença atingiu o centro da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAENINGER, R. São Paulo e suas migrações no final do século 20. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, p. 84-96, 2005.
- BARRETO, P. H. **História – Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos**. 2009. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1214:reportagens-materias&Itemid=39](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1214:reportagens-materias&Itemid=39)>. Acesso em: 10 de abr de 2022.
- BOSCARIOL, R. A. Região e regionalização no Brasil: uma análise segundo os resultados do índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM). In: MARGUTI, B. O.; COSTA, M. A.; PINTO, C. V. da S. (Orgs.) **Territórios em números: insumos para políticas públicas a partir da análise do IDHM e do IVS de municípios e Unidades da Federação brasileira**, livro 1 /. Brasília : IPEA : INCT, 2017. 245 p. : il., gráfs., mapas color. Disponível em: <[file:///C:/Users/josec/Downloads/Territ%C3%B3rios%20em%20n%C3%BAmeros\\_insumos%20para%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20a%20partir%20da%20an%C3%A1lise%20do%20IDHM%20e%20do%20IVS%20de%20munic%C3%ADpios%20e%20Unidades%20da%20Federa%C3%A7%C3%A3o%20brasileira\\_livro%201.pdf](file:///C:/Users/josec/Downloads/Territ%C3%B3rios%20em%20n%C3%BAmeros_insumos%20para%20pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20a%20partir%20da%20an%C3%A1lise%20do%20IDHM%20e%20do%20IVS%20de%20munic%C3%ADpios%20e%20Unidades%20da%20Federa%C3%A7%C3%A3o%20brasileira_livro%201.pdf)>. s/d de acesso.
- BRITO, F. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, v. 20, 2009.
- CABECINHAS, R.; LIMA, M.E.O. & CHAVES, A.M. Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. pp. 67-92. In: MIRANDA, J. & João, M. I. (Eds.) **Identidades nacionais em debate**. Oeiras: Celta, 2006. pp. 67-92.
- CONTEL, F. B. As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990). **Terra Brasilis** (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica [on-line], 3 | 2014, posto on-line no dia 26 agosto 2014, consultado o 11 abril 2022. URL: <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/990>>. ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.990> . s/d de acesso.
- DATASUS. **Painel Coronavírus Brasil**. Ministério da Saúde, Brasil, 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 10 de abr 2022.
- DURHAM, E. R. **A caminho da cidade – A vida rural e a migração para São Paulo: Perspectiva**, 1973.
- FUSCO, W.; OLIVEIRA, R. V. de; MOREIRA, M. de M. Migração e mobilidade pendular em municípios do aglomerado de conecções das mesorregiões Agreste de Pernambuco e Borborema da Paraíba. **Revista Brasileira De Estudos De População**, v.38, 1-36, e0150, 2021 <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0150>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/cC9zk8F3Xfs7BYbZ5vtjwkh/?format=pdf&lang=pt>> . s/d de acesso. OJIMA, R.; FUSCO, W. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve



- contextualização, p.11-26. In: OJIMA, R.; FUSCO, W. (Orgs.) **Migrações nordestinas no Século 21** – um panorama recente. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-ojimafusco-04> . Disponível em: <file:///C:/Users/josec/Desktop/MIGRA%C3%87%C3%95ES%20NORDESTINAS%20NO%20SECULO%2021.pdf>. s/d de acesso.
- FERRARI, M. de M. **A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954)**– seca e desigualdades regionais. 169f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCAR, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1498/DissMMF.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. s/d de acesso.
- GAMA, F. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 2, p. 188-208, 2020.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel. 1994.
- HOCHMAN, G.; BIRN, A-E. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. **Topoi** (Rio J), Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 577-587, set./dez. 2021 | [www.revistatopoi.org](http://www.revistatopoi.org) . Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/5CBkgzdHNysd9DGCCrfjN3J/?format=pdf&lang=pt> >. s/d de acesso.
- MENEZES, M. A. de. Trabalho, família e migrações: uma relação afetiva e uma trajetória de pesquisa. **Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo**, N°7 enero-junio 2020.
- MUZI, D. et al. **Youtube-se**: circulação e condições de visibilidade de vídeos sobre saúde na internet. 222 fls. Tese de Doutorado, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro, 2020.
- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 64.881, de 22/03/2020**. Decreta quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia do COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências complementares. Diário Oficial - Executivo - Suplemento, 23/03/2020, p.1. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64881-22.03.2020.html>>. Acesso em 10 de ago 2022.
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p., 2008.
- SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.
- SOUZA, I. de. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1980.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar como a pandemia do coronavírus, apesar do distanciamento social entre indivíduos e famílias, também promoveu processos de reconstrução social da memória. Como estudo de caso, observamos, desde o início da pandemia, em 2020, como um casal de migrantes nortistas, que chegou em São Paulo há cerca de 60 anos, mobilizou suas memórias como uma ferramenta de construção identitária e convivência no período de isolamento. Ao narrar essas memórias, relatam a criação de uma rede de migrantes que fizeram e fazem parte de diversos momentos de sua trajetória de vida. O método utilizado foi constituído a partir da memória e história oral, além de conversações remotas em formato digital impostas pela pandemia. Por fim, pudemos analisar como a experiência da pandemia entre migrantes nortistas possibilita-nos compreender a produção de sentidos mobilizados pela memória social em tempos distintos e nos acontecimentos presentes.

**Palavras-chave:** memória; migrantes nortistas; pandemia; coronavírus.

## ABSTRACT

The present work aims to present how the coronavirus pandemic, despite the social distancing of individuals and families, also promoted processes of social reconstruction of memory. As a case study, we observe from the beginning of the pandemic, in 2020, how a couple of northern migrants who arrived in São Paulo about 60 years ago mobilized their memories as a tool for identity construction and coexistence in the isolation period. In narrating these memories, they report the creation of a network of migrants who were and are part of several moments of their life trajectory. The method used was constituted from memory and oral history, besides remote conversations in digital format implied by the pandemic. Finally, we can analyze how the experience of the pandemic among northern migrants allows us to understand the production of meanings mobilized by social memory in distinct times and in present events.

**Keywords:** memory; northern migrants; pandemic; coronavirus.